



NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DA MINHA ALFABETIZAÇÃO, FORMAÇÃO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Marta Janice da Silva Rodrigues

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Resumo: Neste trabalho a proposta é criar, por meio da abordagem (auto)biográfica, um memorial narrativo, tratando da minha história de vida. Após a exposição sobre o meu processo de alfabetização, relato toda a minha trajetória escolar e a minha formação superior inicial e continuada. Em seguida, traço comentários sobre a minha experiência como professora, refletindo sobre a constituição do meu fazer docente na alfabetização e finalizo com minha experiência profissional enquanto Coordenadora do Projeto de Recomposição da Aprendizagem.

Palavras-chave: Autobiografia; Processo de alfabetização; Experiência profissional.

Introdução

Meu nome é Marta Janice da Silva Rodrigues. Sou a filha mais velha de pais que concluíram a educação básica e tenho quatro irmãos. Sou formada em Pedagogia e trabalho na docência há 11 anos. Atualmente, atuo na Secretaria Municipal de Educação da cidade de Ladário-MS e Professora das Séries iniciais na cidade de Corumbá. Além disso, estou cursando o Programa de Mestrado em Educação no *Campus* do Pantanal, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

Finalizei o curso de Especialização em Alfabetização e Letramento, que foi divulgado pela Secretaria Municipal de Educação de Ladário, onde sou docente efetiva. Participei do processo seletivo e me matriculei após a seleção. Decidi realizar o curso porque a alfabetização, para mim, sempre foi a área com a qual mais me identifiquei. Especializar-me nessa área poderia me propiciar a oportunidade de refletir sobre a ação docente e trocar experiências com outras alfabetizadoras, visando à construção de uma educação de qualidade e significativa para nossos alunos.

Desse modo, a proposta deste texto é criar, por meio da abordagem (auto)biográfica (BRAGANÇA, 2011), um memorial narrativo (SOUZA, 2003), a fim de tratar da minha história de vida. Inicialmente, descrevo o meu processo de alfabetização e toda a minha



trajetória escolar, minha formação superior inicial e continuada. Em seguida, retrato a minha experiência como professora e reflito sobre a constituição do meu fazer docente na alfabetização.

O relato de experiência é um ato corriqueiro, muitas vezes involuntário. Quando organizado como texto, pode servir de inspiração para quem lê. Segundo Cabral e Souza (2015, p. 150) “[...] é comum ouvir através de narrativas diversas que os seres humanos são, por natureza, contadores, narradores de história, e que gerações e gerações repetem esse ato quase que involuntariamente uns aos outros.”

Os passos da pesquisa abrangeram a elaboração de um diário de acompanhamento de registros sistematizados. A produção da escrita reflexiva partiu da construção do memorial docente, seguida da listagem de questões problematizadoras para o exercício inicial de teorização, desde a prática pedagógica alfabetizadora, compreendidas como objetos de reflexão-ação.

Assim, inicialmente, apresento as memórias da minha alfabetização, de como fui inserida no ambiente escolar, de que forma aprendi as primeiras letras e alguns fatos interessantes que marcaram meu percurso escolar.

Na continuidade, narro como se deu o meu processo de formação, a escolha do curso de Pedagogia e a reflexão que comecei a fazer sobre a alfabetização que tive e a alfabetizadora que eu pretendia me tornar.

Em seguida, comento sobre a minha inserção em sala de aula, as barreiras que enfrentei ao assumir uma turma de alfabetização e outras experiências pertinentes à minha profissão.

Depois, faço uma rápida retrospectiva do período durante o qual participei do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), nos anos de 2013 a 2016, expondo a minha percepção quanto ao programa e a aplicação do aprendizado adquirido em minha prática docente.

Por fim, abordo os cursos de pós-graduação que frequentei, fazendo uma breve reflexão sobre o Curso de Especialização em Alfabetização e Letramento.

Durante a escrita deste trabalho, refiro-me a alguns memoriais de autores como Marilce da Costa Campos Rodrigues (2014), Cecília Galvão (2014), Aline Maria de Medeiros Rodrigues Reali (2014), José Vieira Souza (2003), Maria Goreti da Silva Souza (2015),



Carmen Lúcia de Oliveira Cabral (2015). Também recorro ao livro ‘Alfaetrar’, da autora Magda Soares (2020), que sempre me inspirou em minhas práticas na alfabetização.

Metodologia

Como metodologia, adoto a pesquisa qualitativa, com a elaboração de um diário de acompanhamento de registros sistematizados, seguida da produção de escrita reflexiva, desde a construção do memorial docente e, por fim, a estruturação de questões problematizadoras e de um exercício inicial de teorização, desde a prática pedagógica alfabetizadora, tidas como objetos de reflexão-ação.

Como fonte e ferramenta de pesquisa, apresento uma narrativa autobiográfica. A ideia da escrita sobre a minha trajetória e a minha ação docente surgiu a partir de uma proposta de trabalho da disciplina Seminário Integrado de Pesquisa. A proposição inseriu a análise de aspectos de vivências da alfabetização e suas heranças para a minha prática de alfabetizadora, uma vez que favorece a compreensão do processo de conhecimento infiltrado nas experiências ao longo da vida.

Este trabalho, então, visa a refletir sobre a história de vida, com a alfabetização como fonte de pesquisa. O texto autobiográfico é o centro da atenção. As referências englobam autores como Marilce da Costa Campos Rodrigues (2014), José Vieira Souza (2003) e Maria Goreti da Silva (2015), que trabalham com essa perspectiva.

A metodologia envolve a narração de episódios da minha vida pertinentes à alfabetização, para a reflexão de uma forma contextualizada, abarcando emoções, experiências ou pequenos fatos marcantes que não haviam sido analisados ou compilados em um único texto.

Alfabetização

Certa vez, assistindo a um filme com meu pai, vi uma cena de carteiras enfileiradas, com crianças sentadas, e uma pessoa adulta sentada à mesa na frente deles. Perguntei a meu pai do que se tratava. Ele me respondeu que aquilo era uma escola. Curiosa para saber como era aquele lugar, pedi para ele me levar para conhecer a escola. A minha mãe fez a minha matrícula na antiga pré-escola. Fui inserida no ambiente escolar em 1990.

Durante a educação infantil, tive uma professora nas turmas do Pré II e Pré III. Nesses



anos, havia muitos cartazes pendurados nas paredes da sala de aula, mas eu não percebia o seu significado. Recordo-me de um projeto de teatro de contos que as professoras realizaram. Nós, alunos, apresentamos as dramatizações.

Estratégias desse tipo, que foram muito marcantes para mim, vêm sendo recomendadas por grandes teóricos, há muito tempo. De acordo com Cagliari (1998, p. 187):

[n]a alfabetização, o professor pode mostrar catálogos de letras, no qual os alunos poderão encontrar uma variedade enorme de estilos, cujas peculiaridades divergem da forma original de letras de fôrma maiúsculas e minúsculas. Encontrarão letras enfeitadas para fazerem cartazes, letras sugerindo fogo, vento, alegria, tristeza, etc. Usar letras desse tipo para enfeitar trabalhos, títulos, cartazes, etc. é uma forma de ensinar não só a escrever, como também a escrever segundo uma cultura.

Quando iniciei a 1ª série do ensino fundamental, eu já era praticamente alfabetizada. Já dominava as técnicas de codificar e decodificar as letras, sílabas e palavras. No entanto, não era letrada, por não entender o uso da escrita. Tampouco compreendia muitas das coisas que eram ensinadas.

Tomando como exemplo a minha situação à época, concordo com este conceito de alfabetização:

[...] para não reduzir a alfabetização a um mero mecanismo de codificação e decodificação, o conceito de alfabetização pode ser compreendido como um sistema mais amplo, ou seja, como um processo de compreensão e expressão de significados morfológicos, sintático e semântico da língua escrita [...] (BRUNERI, 2015, p. 49).

Então, para explicitar o que é estar letrado, exponho a definição de Kleiman (1998, p. 18): “[...] podemos definir hoje letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos”.

Minha professora da 1ª série dava aulas monótonas, seguindo o modelo tradicional, envolvendo cópias e decorebas, sem cartazes na sala, sem apresentações ou dramatizações. Lições de cartilha eram tomadas diariamente. Meu pai, em casa, me ajudava a decorar as lições, para que eu tivesse sucesso durante a avaliação da professora. Frequentemente, extensos textos deviam ser copiados do quadro para, depois, serem passados a limpo em outro caderno, em casa.



A professora não tinha paciência para lidar com os alunos que não sabiam a lição. As carteiras eram enfileiradas e nunca tínhamos jogos, brincadeiras ou qualquer outro tipo de aprendizagem de forma lúdica.

As poucas atividades lúdicas eram realizadas pela escola, como durante as festividades de São João, um santo com muitos devotos em minha região.

Soares (2020, p. 119) explicita como deve ser o ingresso da criança na cultura da escrita:

A entrada da criança na cultura da escrita tem como pressuposto que, para que o sistema de escrita alfabética seja plenamente compreendido e assim se complete a alfabetização, o foco não deve ser o ensino (o método), mas a aprendizagem, o como a criança aprende.

Entendo que, à época das minhas primeiras letras, meus professores não detinham o conhecimento do que Soares (2020) propõe, pois percebo que o método era a coisa mais importante para eles. Realmente, muitos professores não valorizam aquilo que a criança traz consigo e as suas produções. Confundem um ambiente alfabetizador com paredes cheias de cartazes, com que as crianças não se identificam, pois não foram os autores. A criança traz consigo muita bagagem prévia sobre a leitura e escrita, que deve ser levada em consideração, transformando tudo isso em uma aprendizagem significativa.

Ao término da minha fase da educação infantil, tiramos uma foto para compor uma revista dos alunos que haviam concluído essa etapa.

As práticas tradicionais de leitura ainda persistem nas escolas atuais, como os exercícios da cartilha, por exemplo (BRUNERI, 2015). Assim pondera Mortartti (2000, p. 48):

[...] conservou-se intocada sua condição de imprescindível instrumento de concretização de determinado método, ou seja, da seqüência necessária de passos predeterminados para o ensino e a aprendizagem iniciais de leitura e escrita, e, em decorrência, da configuração silenciosa de determinado conteúdo de ensino, assim como de certas também silenciosas, mas efetivamente operantes, concepções de alfabetização, leitura, escrita, texto e linguagem/ língua.

Para fazer daquela minha escola um lugar mais prazeroso, eu fazia uma coleção de papéis de cartas e trocava com minhas colegas. Eram momentos que ajudavam o nosso imaginário a criar e o nosso pensamento a ultrapassar aquele ambiente frio.

Na escola em que estudei, havia uma biblioteca, de onde eu emprestava livros no fim de semana para ler em casa. Recordo-me que eram momentos de deleite. Para tornar o



processo mais interessante, eu sempre me desafiava a ler um livro com mais páginas que o anterior.

Como gostava muito de estudar e de ler, representei a professora em um desfile cívico-militar em 1996. Parece que a minha futura profissão já se desenhava nesse tempo de estudante, em que eu admirava muito a professora e sonhava em exercer a docência quando crescesse.

Meu percurso escolar foi tranquilo, em relação aos conteúdos. Nunca reprovei e consegui prosseguir nos estudos, fato que desfez um ciclo que existia em minha família, pois meus pais não haviam concluído a escolaridade.

Quando comecei a cursar o Ensino Médio, as dificuldades financeiras vieram impactar meus estudos, principalmente porque os livros já não eram mais financiados pelo governo. Mesmo assim, com a ajuda de algumas pessoas e organizações, consegui adquirir os livros e não ter os meus estudos prejudicados.

Formação em Pedagogia

A escolha da minha profissão foi ligada às lembranças da minha trajetória escolar. Desde pequena, eu gostava de brincar de ser professora com minhas bonecas e com outras crianças. Rodrigues, Galvão e Reali (2014, p. 26) ressaltam que “[o] aprender a ensinar ocorre a partir das aulas acompanhadas na fase de observação de professores quando se está na condição de estudante.”

Ao mesmo tempo, o curso foi escolhido por falta de opção para alguém que precisava trabalhar durante o dia e estudar em turno noturno. Iniciei a faculdade de Pedagogia na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), *Campus* do Pantanal, aos 18 anos, em 2004. Concluí o curso em 2007. Conhecendo o mundo da educação através dos autores estudados, passei a amar o curso, abraçando o desafio de transformar vidas através da educação.

Durante as aulas de Fundamentos em Geografia, realizamos algumas aulas práticas com visitas a alguns pontos da cidade, como sugestão de lugares para levarmos nossos futuros alunos.

Durante o curso, passei a construir uma visão de mundo e ter entendimento sobre o método tradicional e o construtivista, sobre alfabetização e letramento. Tive um impacto



muito grande, ao comparar aquilo que havia experimentado na minha fase de alfabetização com aquilo que era proposto.

Eu acreditava que o método tradicional era a única forma que se deveria usar no processo de alfabetização. Após várias discussões, em diferentes disciplinas teóricas, os estágios favoreceram a uma visão mais prática, com sugestões e propostas para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem.

O tempo de formação da Pedagogia traduziu-se como um processo muito significativo em minha vida, pois me deu subsídios, conhecimento e muitas teorias para aplicar e refletir sobre o meu papel como educadora.

Pós-graduação

Fiz Quatro cursos de especialização *lato sensu*: Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar; Educação Infantil; Literatura Infantil e Alfabetização e Letramento. Durante o percurso formativo do curso de Pós Graduação Alfabetização e Letramento, esforcei-me para significar minhas experiências formativas, construindo sentidos para as minhas aprendizagens. Desse modo, o curso contribuiu para trocas de experiências nas práticas cotidianas de alfabetização/letramento, levando-me a refletir sobre a formação continuada como um processo de constante transformação, sendo de suma importância na minha formação e em minhas práticas cotidianas de alfabetização e letramento.

Em 2021, fui convidada para assumir o cargo de assessora técnica na Secretaria de Educação de Ladário-MS, como responsável por coordenar projetos de intervenção na qualidade de ensino e promover formações de professores. Temos trabalhado incansavelmente, com o propósito de uma educação para todos.

Profissão

Iniciei a minha carreira profissional em 2010, atuando na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental em uma escola da rede privada em Corumbá. No início, superei muitos obstáculos para conseguir colocar em prática aquilo que havia aprendido na graduação. Naquele momento, vi-me na condição de responsável pelo processo de ensino e aprendizagem, diferentemente do período de estágio, em que eu somente encaminhava



sugestões.

Iniciar o trabalho com a educação infantil foi um grande desafio pois, apesar da minha formação, não me sentia suficientemente preparada com o domínio dos conteúdos para exercer tal função. Não obstante, através de muito estudo, fui me adaptando. Tenho seguido, desde então, em constante busca de um ensino prazeroso, que valorize a identidade das crianças nessa fase.

Um ano após iniciar minha carreira profissional, passei em um concurso público no município de Ladário-MS e assumi uma turma de quarto ano, uma turma tranquila para lecionar. Durante o processo de formação na graduação, discutíamos muito sobre o papel de educadora. Estruturar todo aquele aprendizado era um processo árduo. Recebi sugestões de professoras que trabalhavam comigo. Por meio de muitas conversas, leituras e pesquisas, tentava aprimorar a metodologia de forma lúdica e prazerosa.

Souza (2003, pág. 16) assevera: “As narrativas de professores tornam-se importantes por permitirem a esses profissionais expressarem a prática que desenvolvem, levando à identificação de limitações e avanços implícitos ao fazer docente.” Portanto, essa troca de experiências que tive com colegas de profissão foi relevante para a reflexão sobre o fazer docente.

Após isso, assumi uma turma de terceiro ano, em que a maioria das crianças ainda não era alfabetizada. Foi um ano muito difícil, pois eu tinha que dar conta dos conteúdos, com a supervisão da minha coordenadora pedagógica, mas, ao mesmo tempo, eu tinha que fazer com que as crianças soubessem ler e escrever. Sem muita ajuda durante esse período, tive um nódulo nas cordas vocais e me afastei da sala de aula para realizar um tratamento.

No ano seguinte, voltei a ministrar aulas. Fui convidada para assumir uma turma de primeiro ano do ensino fundamental. Na labuta de encontrar uma nova identidade, como professora alfabetizadora, vi que eu não gostaria de utilizar a mesma metodologia com a qual eu havia sido alfabetizada. Compreendia que meus alunos precisavam ter um ensino de qualidade, por isso assumi um compromisso com eles, garantindo acesso a uma aprendizagem de sucesso, com a alfabetização e o letramento adquiridas com êxito.

Ter um hábito de leitura auxiliou-me no momento de inserir meus alunos em um ambiente alfabetizador. Em contato com diferentes obras literárias, vivemos momentos



prazerosos de leitura.

Trabalhei com projetos durante o ano. Um deles foi com foco na alimentação saudável vinculada à alfabetização e ao letramento.

No ano de 2021 fui convidada a trabalhar como Assessora Técnica Pedagógica na Secretaria Municipal de Educação de Ladário, e em 2022 assumi a coordenação do Projeto de Recomposição da Aprendizagem.

O projeto Recomposição da Aprendizagem (PRA-REME) foi criado para diminuir os impactos causados pela pandemia no contexto de ensino e de aprendizagem dos alunos da Rede Municipal de Ensino (REME,) focando na equidade educacional e na recomposição de habilidades essenciais. O PRA-REME foi incluído no Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas, integrando objetivos, diretrizes e ações para a recomposição das aprendizagens.

Diante disso, a Secretaria de Estado de Educação (SED) criou uma matriz com habilidades essenciais, com o objetivo de direcionar ações para a recomposição das aprendizagens dos alunos de MS, e pelas quais estamos nos baseando para desenvolver nas escolas do município de Ladário as habilidades essenciais elencadas no Projeto de Recomposição da Aprendizagem.

O PRA-REME está sendo desenvolvido de modo presencial durante o ano letivo de 2023, no turno regular do aluno, com duas aulas semanais.

No início do ano letivo as unidades escolares da REME realizaram a Avaliação Diagnóstica com os alunos, por meio da qual deu aos professores a possibilidade de analisar os resultados e traçar um planejamento para conduzir suas aulas no projeto de recomposição, de forma a sanar as necessidades de aprendizado.

Após a Avaliação Diagnóstica, os alunos são avaliados no decorrer do ano por meio do resultado das avaliações diagnósticas internas e das provas disponibilizadas pelas plataformas digitais do MEC durante o ano letivo. Além disso, os alunos serão avaliados em sala de aula pelo professor no decorrer do ano, podendo o professor optar por uma das seguintes formas de avaliação: Simulado bimestral, Caderno de Produção Textual, ou Leitura de livros paradidáticos.

Um dos principais desafios na minha constituição docente foi tentar solucionar



problemas de ensino e aprendizagem encontrados em sala de aula, no qual buscava sempre refletir sobre minha metodologia, buscando meios para que meus alunos fossem alfabetizados e letrados com êxito.

A minha profissão docente, após a construção na formação inicial, passou por um processo de constantes mudanças ao longo da carreira. Mesmo em meio aos desafios, busquei meios reflexivos e práticos para garantir a qualidade na educação.

Os desafios de ser docente englobam outros setores que vão além da sala de aula, e no trabalho que exerço hoje, procuro auxiliar gestores e coordenadores com minha experiência, promovendo principalmente formações que forneçam subsídios teóricos e práticos para a tentar sanar os impactos causados pelo tempo pandêmico na aprendizagem.

Assim como meu tempo de formação me levou a refletir, possibilitando que a minha prática pedagógica se tornasse significativa na vida dos meus alunos, procuro levar o docente à reflexão do seu papel enquanto educador, pois assim como o aluno, o professor é um dos principais sujeitos do processo ensino aprendizagem.

Trabalhar com esse tema, me permitiu construir reflexões acerca do déficit de aprendizagem que os alunos possuem, no qual enquanto Secretaria de Educação, podemos dar apoio nas formações, de modo que auxiliem os professores na Recomposição da Aprendizagem.

Considerações finais

Refletindo sobre minha prática pedagógica relacionada à minha alfabetização inicial, declaro que este memorial, ao escrever sobre a minha própria história, proporcionou-me liberdade para expressar o que fiz e o que não fiz para mudar a mim mesma e para ter condições de programar uma experiência de aprendizagem significativa para meus alunos.

Através deste relato, compreendo que o exercício de descrever meus passos que me fizeram chegar à atividade profissional pode ser um convite para que outros professores revisitem a sua prática pedagógica. Ao finalizar este texto, sinto-me feliz em poder rever esses marcos em minha vida e poder compartilhar com outros. Espero que, com esta autobiografia, outras pessoas também desejem refletir sobre o seu fazer pedagógico direcionado para a alfabetização.

Através da minha participação enquanto Coordenadora do Projeto de Recomposição,



pude fazer um paralelo entre meu percurso formativo que me deu início à profissão, e pós formativo, em paralelo com minhas atividades da profissão, onde realizei a união entre teoria e prática, frente à um desafio maior de garantir a qualidade de ensino.

O caminho é árduo, mas as ações têm o potencial de marcar a vida de professores e alunos que passaram por mim e levaram consigo lembranças de sua alfabetização ou práticas pedagógicas para a vida toda.

Referências

- BRAGANÇA, I. F. de S. Sobre o conceito de formação na abordagem (auto)biográfica. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 157-164, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8700/6352>. Acesso em 1 dez. 2021.
- BRUNERI, B.M. **ABC do Alfabetizador**: análise das concepções teóricas do método (meta)fônico. Dissertação. (Mestrado em Educação – Educação Social). 2015. Campus do Pantanal – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Corumbá, p. 117. 2015.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetizando sem o BÁ-BE-BI-BÓ-BU**. São Paulo: Scipione, 1998.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- MATO GROSSO DO SUL. **Matriz de Habilidades Essenciais**. Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul. – Campo Grande: Alvorada, 2022.
- RODRIGUES, M. da C. C.; GALVÃO, C.; REALI, A. M. de M. R.. Os anúncios das vozes de professoras em memorial de formação docente on-line. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 8, n. 3, p. 15-33, 2014.
- SOARES, Magda. **Alfaetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.
- SOUZA, J. V.. **Narrativa de professores e identidade docente: o memorial como procedimento metodológico**. Psic. da Edu. São Paulo, 16, 1º sem. de 2003 pp.11-24.
- SOUZA, M. G. da S.; CABRAL, C. L. de O. A narrativa como opção metodológica de pesquisa e formação de professores. **Horizontes**, v. 33,n. 2, p. 149-158, jul./dez. 2015.